

Foi o Congresso que pediu o veto: Sarney



E esclarece o presidente José Sarney que vetou o projeto de lei que fixava em maio o prazo de filiação partidária de candidatos a presidente e vice-presidente da República por recomendação do Congresso. Houve um acordo de lideranças com presença do ministro da Justiça e em função do qual lhe pediram que vetasse o projeto sob a alegação de que o prazo nele estipulado alcançava período anterior que não poderia ser objeto de cogitação de nova lei. Ao mesmo tempo, os líderes se comprometiam a votar novo projeto fixando entre 5 e 15 dias posteriores à promulgação de lei um novo prazo de filiação. Esse projeto foi votado pela Câmara, mas engavetado pelo Senado. Tão engavetado quanto o veto, o qual, não apreciado, foi aceito pelo Congresso, conforme, aliás, o que fora decidido pelos líderes dos diversos partidos. Lembra ainda Sarney que seu veto beneficiou a candidatura de Collor, que seria atingida pelas restrições do projeto adotado pelas câmaras legislativas.

Como meu amigo, Sarney telefonou-me principalmente para estranhar que eu tivesse incluído Sílvio Santos entre as pessoas da sua intimidade. Ele só esteve com Santos por três vezes em conversas cordiais, mas nem por isso deve-se tomá-lo por seu íntimo. Expliquei que apenas reproduzi informação dada pelo mesmo empresário a jornais. A um deles dissera ser da intimidade do presidente, ajuntando: "Gosto do Sarney". Mas tudo bem, fica registrado que do relacionamento pessoal não resultou qualquer intimidade. O presidente também, segundo reafirma, nada tem a ver com essa candidatura ou com qualquer outra. "Se eu não entrei para fazer candidaturas, não vou agora entrar para desfazer a do Sílvio Santos. Por que o faria? Para beneficiar Fernando Collor? Isso seria da minha parte falta de caráter. Esse rapaz me agride a propósito de tudo e de nada".

Lembra Sarney, como comprovação de sua não interferência na campanha eleitoral, que seus amigos e auxiliares estão apoiando quem bem entendem. O senador Edison Lobão, seu amigo, em 1984, votou em Maluf. O governador Epitácio Cafeteira, que estimula a candidatura de Zequinha (Sarney Filho) ao governo do Maranhão, está com Collor. O ministro Íris Rezende e a ministra Dorothea estão com Covas e por aí iriam também Mailson e Abreu. "Eu não posso dizer a quem está no desespero, rejeitado pelos donos dos partidos", acrescenta o presidente, "que faça isso ou aquilo contrariando seus interesses justos". Para Sarney, a isenção do governo e a definição do seu objetivo de assegurar a eleição e empossar os eleitos representam o seu capital nesta hora.

Nega o presidente a participação de seu secretário particular, Augusto Marzagão, na trama que armou a candidatura de Sílvio Santos. "Nada, nada, nada, ele não fez nada. Ele estava apenas em contato com o Boris Casoy, como já lhe disse, para ajustar uma entrevista minha na TVS, cancelada em face do que se passou", disse o presidente. Finalmente, estranha o presidente que, depois de ter sido apontado longamente como o mais odiado, o mais rejeitado personagem político da atualidade, seja apontado agora como a figura dominante, a que vai decidir a eleição em favor de Sílvio Santos. Sequer foi ele quem deu as concessões de televisão ao *showman* ou a Fernando Collor, empresário de televisão por herança.

Os africanos e Portugal

O presidente aproveitou a conversa para observar o pequeno espaço dado pelos jornais à reunião dos presidentes de Portugal e das nações africanas de língua portuguesa em São Luís do Maranhão. Ficou a impressão de que se discutia apenas acordo ortográfico, quando o encontro foi densamente político. Pela primeira vez, Portugal participa de *cimeira* com suas antigas colônias para exame da situação política. A temática foi política. Problemas de cooperação, da luta pela independência, das guerrilhas sobreexistentes em Angola e Moçambique, gestões de paz que não se concluem, etc. O encontro, acrescenta, abriu uma faixa para que preexistia daqui por diante um fórum político para que se discutam temas emergentes do interesse da comunidade de nações com definida identidade cultural.

Aureliano, o São Jorge

Voltou a me telefonar também Aureliano Chaves. "Os fatos estão aí para demonstrar como eles se desnudaram", começa. "Está claro que eu era apenas o São Jorge no quarto das prostitutas. Nunca desconfiei dessas jogadas. A falta de compostura toma conta de tudo". Acrescentou que sua posição é de resistência contra qualquer manobra que vise a perturbar a eleição. Posição muito firme. E insiste: "Diante dessa lembrança, que respeitabilidade eles podem ter? Não pensam no Brasil, mas apenas no seu pequeno interesse regional. Perderam a noção de tudo. Se me tivessem procurado, teriam ouvido resposta suave a que sou dado. Mas também sou dado a respostas duras".

Finalmente: "Tenho pena do Sílvio Santos. Ele vai ver que tem muitos comensais para comer o pato. Mas quem vai pagar o pato é ele".

Carlos Castello Branco